

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Jornal da Tarde Class.: Tikuna 285
Data 25/04/91 Pg.: 17

O ministro Alcení Guerra acalenta a idéia de pedir aos EUA a redução de 10% da dívida para aplicar no combate à doença: "Collor já me autorizou a discutir o tema".

Brasil quer dinheiro da dívida para a cólera

O ministro Alcení Guerra revelou que entre os dias 6 e 16 de maio, em Genebra, durante reunião dos ministros de Saúde da América Latina, na Organização Mundial de Saúde, poderá pedir aos Estados Unidos uma redução de até 10% da dívida externa para investir no combate à cólera. "O presidente Fernando Collor já me autorizou ontem a discutir o tema", afirmou Alcení.

Antes viajar, o ministro deverá consultar o Ministério da Economia, para se posicionar e saber os pontos em que poderá avançar. A reunião de Genebra da OMS discutirá o avanço da cólera na América Latina. A idéia de redução da dívida para garantir investimentos em saneamento básico ganhou força após a "Conferência de Sucre", realizada esta semana no Peru entre ministros daquele país, Venezuela, Colômbia, Equador, e Bolívia.

Para o Peru, a redução de 10% equivaleria a recursos da ordem de US\$ 2.2 bilhões, suficientes não apenas para superar o problema emergencial da cólera como também para investir no setor de saúde. Para o Brasil, segundo cálculos de Alcení, 10% do montante da dívida ajudariam, e muito, os projetos e obras de saneamento básico.

Os casos de cólera registrados até o momento na fronteira do Brasil com o Peru e a Bolívia ainda não podem ser considerados endêmicos, segundo Alcení. Embora desconheça números sobre exames nas populações da fronteira — "não há dados ainda" —, Alcení define assim o estágio de propagação da doença: "Nem endêmica nem epidêmica, mas um surto".

Alcení confirmou que o Brasil inicia esta semana o combate do vibrião colérico no Peru, com médicos e remédios. Naquele país, segundo ele, os casos de cólera chegam a 200 mil, mas o ministério está preocupado com uma fatia de 400 pacientes da cidade de Iquitos, próxima da fronteira. "Iquitos é a nossa frente de contaminação",



Luiz Antonio/AE



No hospital, Alcenir, o primeiro tikuna a contrair cólera: médicos atendem diversos casos de diarreia e vômitos e aguardam os resultados dos exames.

lembrou. "E o governo brasileiro já foi liberado pelo governo do Peru para atuar na cidade".

De acordo com o ministro, o território brasileiro já está preparado para combater a cólera. Há 45 dias, explicou, estoques estratégicos de medicamentos, médicos e culturas de laboratório, foram distribuídos. Mas nem tudo está saindo da maneira que, segundo ele, é ideal. Rondônia, por exemplo, está pronta para combater o surto, mas São Paulo e Minas Ge-

rais "ainda preocupam". Por essa razão, enviou ontem telex aos governadores e secretários estaduais de Saúde, reforçando a ordem para que medidas preventivas, cuidados com o saneamento básico e formação de comissões de cólera sejam implementadas com urgência.

O secretário de Saneamento, Walter Annicchino, recomendou ontem que as Companhias Estaduais dobrem a quantidade de cloro colocada na água que abas-

tece a população. Annicchino reuniu em Brasília os representantes das Companhias de Saneamento do País e alguns secretários estaduais de Saúde para discutir formas emergenciais de combater a cólera. "Precisamos dobrar a atenção com o abastecimento de água", alertou, lembrando que somente 88% dos brasileiros têm água encanada, enquanto 50% de toda a população urbana não dispõem de rede de esgoto.

Rubens Santos/AE

Tikunas, um grito de perigo.

Um surto de cólera avança sobre a nação Tikuna, na fronteira entre o Brasil, Colômbia e Peru. Segundo o epidemiologista Lúcio Flávio Nasser, do Departamento de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde, de 90 exames laboratoriais realizados em Tabatinga três resultaram positivos — uma incidência de 5%. A literatura médica aponta este índice como endêmico, colocando em risco a saúde dos tikuna na área de Belém Solimões, a três horas de barco de Tabatinga, onde vivem 3 mil índios e 2 mil brancos.

O primeiro índio tikuna contaminado, Alcenir Francisco, de 19 anos, morador em Belém do Solimões, está internado há seis dias no Hospital Militar de Tabatinga, mas não corre risco de vida. Alcenir tentou fugir do hospital, na noite de terça-feira, mas só terá alta quando não mais representar perigo de transmissão da doença. Também na noite de terça, uma mulher de 40 anos, Joséfa, tikuna como Alcenir, e uma menina de sete meses, indígena, foram hospitalizadas em Tabatinga. A menina, conforme diagnóstico médico, está com disenteria, mas a mulher provavelmente tem cólera. A certeza só virá com o resultado do exame de laboratório.

O epidemiologista Lúcio Flávio Nasser passou dois dias em Belém do Solimões e disse ontem, antes de viajar para Brasília, que consi-

dera crítica a situação dos índios. "Por não existir saneamento básico no local, os índios serão as primeiras vítimas da doença, caso a cólera não seja contida na região de fronteira". Nasser acredita que o bacilo da doença tenha sido levado até Belém do Solimões por barcos peruanos que cruzam o rio Solimões com mercadorias para vender aos índios. O epidemiologista coletou 18 amostras na área. O resultado dos testes fica pronto hoje. Das 18 pessoas que fizeram o exame, cinco são parentes de Alcenir Francisco, mas não apresentam sintomas da doença, e oito estavam com vômito e diarreia. Nasser explicou que não levou para o Hospital Militar de Tabatinga os oito índios que passavam mal porque não havia lugar no barco.

O médico Antônio Luís Cardoso Rosa, capitão de corveta, viajou de Brasília para Belém do Solimões junto com o enfermeiro Flávio Vitorino, cabo, para prestar auxílio aos índios. Ontem, o médico atendeu diversos casos de pacientes com diarreia e vômito, principalmente crianças, mas não identificou nenhum quadro típico de cólera. Mesmo assim, todos farão exames de laboratório. As meninas, Roseane Francisco Tauana e Marisa Correia Fidélis, de 11 e 9 meses respectivamente, foram as primeiras a ser medicadas

Márcia Turcato/AE